

**O MATERIALISMO HISTÓRICO E DIALÉTICO E A PESQUISA EM EDUCAÇÃO:
CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS A PARTIR DAS OBRAS DE MARX**

**MATERIALISMO HISTÓRICO Y DIALÉTICO E INVESTIGACIÓN EM
EDUCACIÓN: CONSIDERACIONES METODOLÓGICAS A PARTIR DE LAS OBRAS
DE MARX**

**HISTORICAL AND DIALECTIC MATERIALISM AND RESEARCH IN
EDUCATION: METHODOLOGICAL CONSIDERATIONS BASED ON THE WORKS
OF MARX**

DOI: <https://doi.org/10.9771/gmed.v15i2.51832>

Tiago Fávero de Oliveira¹

Resumo: Este artigo reflete sobre os procedimentos metodológicos desenvolvidos por Karl Marx ao longo de sua obra. O texto desenvolve as especificidades e particularidades da obra marxiana, sinalizando para os desafios de sua leitura e interpretação. Além disso, mostra que o método em Marx está diluído em suas obras e precisa ser pinçado e descoberto dentro delas. Por fim, são apresentados exemplos do desenvolvimento do método marxiano em escritos do autor. O artigo conclui relacionando a aplicação do método apresentado com o cenário das pesquisas em educação.

Palavras-chave: Marx. Marxismo. Metodologia. Materialismo histórico e dialético. Pesquisa educacional.

Resumen: Este artículo reflexiona sobre los procedimientos metodológicos desarrollados por Karl Marx a lo largo de su obra. El texto desarrolla las especificidades y particularidades de la obra marxista, señalando los desafíos de su lectura e interpretación. Además, muestra que el método en Marx se diluye en sus obras y necesita ser recogido y descubierto en ellas. Finalmente, se presentan ejemplos del desarrollo del método marxista en los escritos del autor. El artículo concluye relacionando la aplicación del método presentado con el escenario de la investigación en educación.

Palabras clave: Marx. Marxismo. Metodología. Materialismo histórico y dialéctico. Investigación educativa.

Abstract: This article reflects on the methodological procedures developed by Karl Marx throughout his work. The text develops the specificities and particularities of the Marxian work, pointing to the challenges of its reading and interpretation. Furthermore, it shows that the method in Marx is diluted in his works and needs to be pinched and discovered within them. Finally, examples of the development of the Marxian method in the author's writings are presented. The article concludes by relating the application of the method presented with the scenario of research in education.

Keywords: Marx. Marxism. Methodology. Historical and Dialectical Materialism. Educational research.

Introdução

Com o advento de mais uma crise econômica de grandes proporções, a leitura de Marx acerca do capitalismo volta a ganhar visibilidade. É neste sentido que Marcello Musto afirma que “após a última crise do capitalismo, deflagrada em 2008, Karl Marx voltou à moda” (MUSTO, 2018, p. 9). São muitos autores, inclusive de fora do campo marxista, que retornam às ideias de Marx no intuito de ampliar o entendimento sobre o funcionamento do modo de produção capitalista. Ainda que o contexto atual não seja o mesmo em que a teoria marxiana foi construída, a compatibilidade dessas ideias e a atualidade de um texto clássico sempre tem algo a dizer em momentos críticos.

O cerne do marxismo foi construído por Marx em sua amizade e parceria com Engels. Ao analisar a biografia de cada um deles (NETTO, 2020; MAYER, 2020), é possível perceber que ambos iniciaram suas trajetórias e construíram seus valores e teorias de forma independente um do outro. A partir de 1844, quando Engels viaja para a Alemanha, a trajetória destes dois pensadores se cruza de modo que, seus respectivos pensamentos, construídos de forma independente, começam a se complementar, aprofundando, aprendendo, debatendo e construindo coisas novas entre si, sem perder a individualidade e a particularidade de cada um. Neste caso, ainda que a participação de Engels seja fundamental nas ideias de Marx, este trabalho será desenvolvido tomando como base, em sua maioria, apenas os textos de Marx. Tal observação é importante para garantir a especificidade e a peculiaridade de cada autor.

Apesar da centralidade das obras de Marx para toda a teoria marxista que se constrói a partir delas, merece registro o fato de que o marxismo é diferente e deve ser diferenciado das obras do pensador alemão. Vários autores, escolas e correntes ao longo do tempo se apropriaram da teoria de Marx, ora avançando e aprofundando alguns temas, ora se afastando um pouco das discussões originárias através de novas releituras. Ainda que seja impossível citar todos aqueles que partem das pesquisas marxianas, vale destacar, como exemplo de diversidade, as leituras e obras de Vladimir Lênin, Leon Trotsky, Josef Stálin, Antonio Gramsci, Rosa Luxemburgo, Louis Althusser, pensadores da escola de Frankfurt, entre outros. Neste caso, é fundamental recorrer à afirmação de Netto (2020, p.11), para quem: “pensar o marxismo contemporâneo como realidade monolítica, homogênea e perfeitamente pronta e acabada, contudo, está longe de expressá-lo no que ele tem de melhor”.

A importância de Marx não se restringe apenas ao campo da economia política. Ao pensar a sociedade como um todo, mediante a diversidade de temas abordados, sua teoria acaba lançando luz em vários campos do saber. Isso acontece com a educação. Ainda que o autor em análise não tenha dedicado uma obra específica para a questão educacional, suas proposições inspiram, ainda hoje, muitos profissionais e militantes da área. Dentro do campo temático do trabalho e educação, por exemplo, são numerosas as pesquisas que partem do materialismo histórico e dialético – tanto como aporte teórico, quanto metodológico – para entender a educação dentro de uma dimensão crítica, procurando analisar os problemas na perspectiva de classe, sinalizando para uma resistência aos ataques empreendidos pelo capital.

É a partir disso que este estudo procura refletir como, sem ter produzido uma obra exclusiva para tratar sobre questões metodológicas, Marx conseguiu intuir, criar e aplicar um método peculiar na análise de problemas concretos de sua época. Dessa forma, intenta-se observar as características gerais do seu método e relacioná-las com a pesquisa em educação. Isso será feito a partir da observação do modo como ele pesquisou os problemas que atravessaram seu tempo, buscando, dentro do possível, identificar o movimento do seu raciocínio, os instrumentos utilizados por ele e a forma como sua pesquisa era conduzida.

Ainda que muitos outros autores já tenham produzido estudos sobre metodologia a partir dos textos fundadores do materialismo histórico e dialético, o trabalho atual se justifica, não só pela amplitude do método marxiano como também pelo fato de que a teoria está sempre em movimento. Com o passar do tempo, novas visões são construídas, novas estratégias surgem e vários recursos passam a ser acessíveis para pesquisadores em seus trabalhos. Além disso, a já citada corrida ao pensamento de Marx indica a necessidade de que outras discussões acerca do seu método sejam publicadas, a fim de que ainda mais pesquisas a partir das suas categorias sejam produzidas.

O estudo sobre o objeto de análise deste artigo segue o materialismo histórico e dialético tanto no plano teórico quanto no plano metodológico. A referência básica e prioritária deste texto se fundamenta nas obras de Marx, juntamente com textos de estudiosos da área. É importante destacar que não foi utilizado um critério específico para escolher quais obras seriam citadas ou não aqui. A ideia foi identificar, em algumas obras, traços que ajudem no entendimento do método como algo que foi construído ao longo da produção intelectual do autor. Entende-se que outros textos poderiam ter sido citados, uma vez que a pesquisa não pretende esgotar o assunto ou realizar uma leitura ampla de toda a produção teórica marxiana a fim de citá-la como se fosse um inventário de tudo que foi produzido por ele.

Neste sentido, vale sublinhar que este texto possui limites, uma vez que este estudo tenta ser um roteiro inicial e superficial sobre o método em Marx. Não se pretende realizar uma aprofundada pesquisa filológica acerca de sua obra, nem realizar um estudo comparado entre traduções. Este seria um estudo muito mais demorado e amplo, um trabalho de uma vida inteira, que nunca conseguiria ser contemplado nos limites de um texto como este. Também não será realizada aqui a análise pormenorizada do contexto e dos textos consultados. As obras aqui apresentadas, serão citadas em parte e não há a intenção de se desenvolver um estudo aprofundado de nenhuma delas, construindo um comentário crítico ou explicativo de cada publicação do autor. O que se quer, como já foi dito, é apenas pinçar, dentre sua vasta produção, algumas considerações que indicam pontos relacionados à metodologia de estudo, pesquisa e análise da sociedade.

O objetivo dessa pesquisa diz respeito à apresentação do percurso metodológico desenvolvido por Marx, relacionando as possibilidades que se abrem, neste caso, para a pesquisa em educação. Espera-se que este texto seja capaz de iniciar uma discussão acerca do lugar do pesquisador, da identificação do objeto, dos limites dos textos marxianos e os instrumentos e técnicas de pesquisa utilizados em suas obras. Além disso, este artigo tentará mostrar, em última análise, a perspectiva de

classe das pesquisas feitas a partir do método marxista, indicando que o estudo não termina com o fim da pesquisa, mas que ele deve ser apenas um dos momentos da luta de classes, sinalizando para uma perspectiva de transformação revolucionária daquilo que foi estudado.

O texto está dividido em três seções. Na primeira, serão apresentadas algumas considerações sobre limites, tensões e desafios para a identificação de elementos de metodologia na obra de Marx. É a parte em que se olha para a obra como um todo, ainda que de modo amplo e superficial. Na segunda seção, o tema do método propriamente dito será desenvolvido. Nela será destacada a questão da objetividade, das categorias e do movimento metodológico em si. Na terceira seção serão apontados algumas técnicas e instrumentos de pesquisa que foram usados pelo próprio Marx em seus textos, indicando que o materialismo histórico e dialético é compatível com técnicas e instrumentos variados de pesquisa. Nas considerações finais, pretende-se apontar para a relação entre tudo que foi exposto e sua implicação para a pesquisa em educação, indicando caminhos, limites e possibilidades.

A obra de Marx: limites, tensões e desafios para uma abordagem metodológica

Antes de refletir sobre as questões metodológicas propriamente ditas, é preciso analisar, ainda que de modo rápido, algumas características dos escritos marxianos. Isso se faz necessário pois, mesmo marcada pela coerência e pela unidade, a obra de Marx possui algumas peculiaridades que devem ser levadas em consideração quando se examina sua construção metodológica. Neste sentido, a primeira consideração a se fazer é que as ideias de Marx são frutos de um outro contexto histórico, político, econômico e social. Ainda que o trabalho seja feito com textos clássicos, não se pode desconsiderar o impacto que o tempo tem em sua leitura: “as teorias, mesmo as melhores, são construções históricas, quer dizer, não permanecem imunes à passagem do tempo, estão sujeitas a envelhecer e só podem tentar recuperar a vitalidade quando ousam empreender as autotransformações necessárias” (KONDER, 2018, p. 19). Não obstante à questão temporal, Leandro Konder (2018) defende que Marx foi um pensador do século XIX, importante para o século XX e com uma leitura que ainda pode ser atual no século XXI.

Vale registrar que, dada sua extensão e grandeza, a obra de Marx foi escrita em momentos diferentes da vida do autor, que começa a estudar e produzir já na sua juventude e só termina quando morre. Não se intenta aqui polemizar a existência de um Marx jovem que é negado pelo Marx maduro. Ainda que o autor tenha evoluído, crescido e enriquecido suas reflexões, o que se defende neste estudo é a integralidade de uma obra que avançou, que se movimentou, mas que, também, se manteve íntegra, sobretudo a partir da dimensão metodológica: “seu método era o mesmo de sempre, adotado desde o tempo de seus primeiros estudos universitários: incrivelmente rigoroso e inflexivelmente crítico” (MUSTO, 2018, p. 20). Tal concepção de movimento e avanço na obra marxiana também é compartilhada por José Paulo Netto, para quem:

a teoria marxiana não se elaborou de um só golpe: penso que ela demandou pelo menos um decênio e meio, a partir de 1844, para se erguer e, nesse processo constituinte, *implicou giros e revisões, continuidades e mudanças*, todavia plasmando-se *unitariamente*; assim, estou longe de localizar qualquer “corte epistemológico” entre o *jovem Marx* e o *Marx da maturidade* e, também, *de equalizá-los*. Sustentando a unidade da obra marxiana a partir de 1844, recuso a dissolução dessa unidade numa qualquer invariância pleonástica ou tautológica. Tomo a concepção teórico-metodológica que Marx elaborou, ao alcançar a plenitude na sua madurez, como concepção radicalmente revolucionária, seja enquanto expressão ideal, seja enquanto diretriz prático-política (NETTO, 2020, p. 32-33, itálicos do autor).

O fato da obra marxiana poder ser considerada como uma produção incompleta e em movimento se explica pela grande exigência do autor com o que produzia. A dedicação incansável às pesquisas e aos estudos, somado com a busca para produzir textos próximos à perfeição faziam com que ele nunca se desse por satisfeito com aquilo que escrevia, sempre buscando completá-los ou enriquecê-los (MUSTO, 2018; NETTO, 2020). Deve-se observar, também, que nem tudo que Marx escreveu foi feito com o intuito de ser publicado como obra. Esta situação aconteceu, por exemplo, tanto com a publicação póstuma dos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, quanto da *Ideologia Alemã*, cujas leituras permitem perceber o caráter incompleto dos textos. Sobre isso, Marcelo Musto (2018) afirma que: “Marx, que jamais publicou ‘nada que não tivesse reelaborado várias vezes, até encontrar a forma adequada’, e que afirmou que ‘preferiria queimar seus manuscritos a publicá-los incompletos’, decerto teria ficado muito surpreso e abalado com a divulgação deles” (p. 23). A mesma constatação é alcançada por Nozaki, ao afirmar que:

os estudos filológicos, por outro lado, demonstram uma obra vigorosa, coerente e precisa, contudo, inacabada, uma vez que Marx dificilmente se outorgava convencido de que suas formulações haviam chegado a uma forma adequada para um ponto final, necessitando de mais estudos, ou de maiores sistematizações para posterior exposição (NOZAKI, 2021, p. 17).

Analisando o conjunto de seus escritos, além da grandeza teórica e acadêmica de *O Capital*, é possível perceber que Marx se ocupou com a produção de textos de diferentes naturezas, estilos e gêneros. Dessa forma, é possível identificar na totalidade de seus escritos, textos que compreendem estudos realizados pelo autor, como se fossem um fichamento (*Manuscritos Econômico-Filosóficos*), análise do pensamento de outros autores (*Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*), programas para convenção de trabalhadores (*Crítica do Programa de Gotha*), análise de fatos e momentos históricos específicos (*O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*, *A Guerra Civil na França*), textos em torno de polêmica com outros autores (*Miséria da Filosofia*), Manifestos políticos (*Manifesto Comunista*), entre outros. Apesar da diversidade de temas e gênero dos textos, é razoável defender que, em meio a toda essa multiplicidade, há um tema comum que fundamenta a obra de Marx e que, aos poucos, vai ganhando forma ao longo do tempo, qual seja: “de fato, pode-se circunscrever como *o problema central* da pesquisa marxiana a gênese, a consolidação, o desenvolvimento e as condições de crise da sociedade burguesa, fundada no modo de produção capitalista” (NETTO, 2011, p. 17, itálicos do autor).

A partir do exposto, é possível inferir que o marxismo não é apenas uma teoria acadêmica. Ele é muito mais que isso: pode ser considerado uma postura ou uma concepção de mundo, um

método e uma *práxis* (FRIGOTTO, 1989). A *práxis*, aqui, precisa ser entendida como um modo de organizar a vida, como uma forma de, estando numa realidade, entender essa realidade a partir de um sentido transformador. É por isso que Marx realizou uma extensa análise do trabalho, levando em conta vários fatores, dentre os quais, se destacam: a participação do homem na natureza, a transformação da natureza pelo trabalho humano, a produção e a reprodução das condições de vida e a elaboração de conhecimento a partir de todos estes movimentos. Dessa forma, em última análise, o marxismo pode ser identificado como uma filosofia da *práxis*.

A *práxis* é a atividade concreta pela qual os sujeitos humanos se afirmam no mundo, modificando a realidade objetiva e, para poderem alterá-la, transformando-se a si mesmos. É a ação que, para se aprofundar de maneira mais consequente, precisa da reflexão, do autoquestionamento, da teoria; e é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos, cotejando-os com a prática (KONDER, 2018, p. 123).

Outro ponto importante a se perceber, é a influência de fatores políticos e ideológicos no aprofundamento, estudo, tradução e publicação das obras de Marx. Nozaki (2021) destaca a dificuldade e a disputa de correntes políticas na recuperação e no aprofundamento filológico do texto marxiano que oscilou, desde uma tradição mais academicista, até uma leitura mais voltada para interesses políticos e revolucionários. Por ser um autor muito lido e comentado (inclusive por pessoas e grupos que nunca se aprofundaram em sua leitura) há uma imagem fortemente ideológica de Marx, que perpassa desde correntes mais alinhadas à esquerda, quanto uma visão pejorativa difundida por pessoas e grupos ligados à direita conversadora e à extrema direita. Tal ponto fica mais evidente quando se observa o equívoco que é atribuir à Marx o rótulo de pensador que só fala do comunismo, quando se negligencia que ele “nunca pretendeu explicar pormenorizadamente como seria a sociedade comunista” (KONDER, 2018, p. 51). Sobre isso, resta a cautela e a necessidade de estudos sempre mais atentos e aprofundados, superando a visão superficial e equivocada produzida pelo senso comum.

Nesse campo, é preciso ter cuidado com tendências reducionistas e evolucionistas dentro da leitura e do pensamento de Marx. Sugere-se evitar tanto o reducionismo (que tenta tratar o pensamento de Marx como algo que discute apenas as relações econômicas e materiais) quanto o evolucionismo (a partir do qual se acredita que o modo de produção capitalista entrará em crise até o seu natural declínio e substituição). A crença de que o modo de produção capitalista será naturalmente substituído pelo comunismo precisa ser refutada e desconstruída, pois ela esvazia a ação revolucionária do proletariado. Essa forma de pensar é funcional à estabilidade do sistema e apazigua a luta de classes, ponto central de toda teoria marxiana. Em outras palavras: o capitalismo não cairá sozinho: ele precisará ser derrubado (MUSTO, 2018).

Como já dito, é preciso registrar o papel de Engels na organização, edição, revisão e publicação de obras póstumas de Marx. Ainda que a proximidade entre ele e Marx seja reconhecida, tal como já destacado na introdução deste trabalho, não se pode esquecer que pontos essenciais da produção marxista foram editados por ele. Sobre a relação entre eles, José Paulo Netto é enfático ao

afirmar que: “não é possível separar a vida e a obra de ambos a partir de 1844 e deve-se levar em conta que Engels, não se confundindo com Marx, tinha brilho próprio e sempre deu provas de grande autonomia intelectual” (NETTO, 2020, p. 32). Na biografia de Engels, Mayer (2020) aponta que apesar de terem trabalhado de modo muito próximo e até conjunto em algumas obras, tanto Marx quanto Engels são pensadores cujas ideias precisam ser vistas de forma independente e complementares, respeitando a individualidade e a grandeza de cada um deles.

Marx e Engels finalmente chegaram a um entendimento. Viram que se complementavam e que seu desenvolvimento espiritual tinha seguido a mesma linha. Ficaram felizes ao perceber que seriam companheiros nessa caminhada no futuro porque, um independente do outro, tinham formado as mesmas visões do seu objeto e do caminho em direção a ele. Sabiam que só poderiam alcançar seu fim comum compartilhando seu conhecimento e sua força. (...) Mas é impressionante que essa parceria tenha permanecido estável ao longo de anos de mudanças; e é sem paralelo que a conquista desses dois homens seja tão completa, tão vigorosa, uma unidade tão viva (MAYER, 2020, p. 61).

Assim, mesmo com a identificação que um tinha com o outro, é forçoso reconhecer que a edição que Engels faz das obras de Marx, além de ser um trabalho penoso e complexo, traz impactos sobre o produto. Aqui, apesar do trecho longo, vale a pena acompanhar a declaração do próprio Engels no prefácio ao segundo livro de *O Capital*, realçando todo o trabalho que foi dedicado à publicação da obra:

Preparar para a impressão o segundo livro de *O Capital*, e de maneira que, de um lado, ele aparecesse numa forma coerente e o mais acabada possível e, de outro lado, como obra exclusiva do autor, e não do editor, não foi um trabalho fácil. O grande número de versões existentes, a maioria delas fragmentária, dificultou a tarefa. Apenas uma dessas versões (o manuscrito IV), quando muito, fora revisada e preparada para a impressão, mas a maior parte dela também se tornou obsoleta, devido a reelaborações posteriores. Parte do material, embora acabada quanto ao conteúdo, não o estava com relação à forma; fora redigida na linguagem em que Marx costumava elaborar suas anotações: num estilo descuidado, repleto de expressões coloquiais, frequentemente sarcásticas, além de termos técnicos ingleses e franceses e, muitas vezes, frases e até páginas inteiras em inglês; as ideias pousavam sobre o papel da forma como iam se desenvolvendo no cérebro do autor. Se boa parte do conteúdo fora exposta em detalhes, outra parte, de igual importância, estava apenas esboçada; os fatos que servem de ilustração ao material estavam reunidos, mas pouco ordenados, e muito menos elaborados; muitas vezes, no fim de um capítulo, na pressa do autor de passar ao capítulo seguinte, não havia mais do que algumas sentenças fragmentárias, a indicar o desenvolvimento ali deixado incompleto; por fim, havia a notória caligrafia, que às vezes nem o próprio autor lograva decifrar (ENGELS, 2014, p. 79).

Por fim, mais um ponto precisa ser levantado: longe das visões fatalistas acerca do pensamento marxiano, deve-se recusar também uma dimensão profética que é atribuída às suas obras, uma vez que o próprio autor afirmou que seus estudos não eram capazes de antever e prescrever “receitas para o cardápio da taberna do futuro” (MARX, 2017, p. 88). Eric Hobsbawm (2011) confirma isso quando sinaliza que Marx não foi um profeta que proclamou oráculos sobre a situação econômica do mundo no futuro. Muitas das suas afirmações e respostas, inclusive, com o tempo se mostraram inviáveis, não realizadas e incorretas. Porém, a grandeza de sua obra reside no fato de que

será ainda mais difícil entender e tentar resolver os dilemas do mundo de hoje sem recorrer e refletir sobre as questões e críticas colocadas por ele no passado.

Merece destaque o fato de Marx, ao elaborar sua obra, produzir um método, um guia de ação e isso não pode ser transformado em um dogma, um roteiro pronto, fechado e sistemático para a interpretação do mundo para ser usado de modo indiscriminado e de modo universal. Caso isso aconteça, será nocivo tanto para a teoria quanto para a prática revolucionária, uma vez que tal postura diverge e contraria os próprios preceitos a partir dos quais as ideias de Marx foram construídas. Isso é desenvolvido por Eric Hobsbawm, para quem era

praticamente impossível extrair dos textos clássicos algo semelhante a um manual de instrução estratégica e tática, sendo até perigoso usar aqueles textos como um conjunto de precedentes, muito embora tenham sido utilizados assim. O que se podia aprender com Marx era o método com que enfrentava as tarefas de análise e ação; não havia como extrair dos textos clássicos lições prontas (HOBSBAWM, 2011, p. 87)

De tudo o que foi desenvolvido até aqui – apesar de todos os desafios e limites da leitura de Marx e ainda que haja grandes diferenças entre o contexto histórico da escrita das obras e o tempo presente – é possível perceber que a teoria aqui descrita continua atual. A grandeza de sua obra está, não só na atualidade e pertinência dos conceitos e temas desenvolvidos, mas, sobretudo, na possibilidade de utilizar seu método. O método marxiano continua atual e necessário diante de todos os dilemas e contradições do capitalismo de hoje. O percurso usado por Marx representa, neste sentido, uma das grandes contribuições do autor para as ciências humanas na modernidade.

No tocante à validade contemporânea da obra de Marx, penso que, nesta segunda década do século XXI, a teoria marxiana continua válida e absolutamente *necessária* para compreender o capitalismo dos nossos dias, mas, ao mesmo tempo, entendo que ela não é *suficiente* para compreender o capitalismo contemporâneo, é preciso investigá-lo a partir não das *conclusões* marxianas, e sim da sua *concepção teórico-metodológica* (NETTO, 2020, p. 33, itálicos do autor).

Mas o que é o método? Ainda que este seja o assunto da próxima seção, já se pode perceber que, no caso de Marx, é impossível separar seu aporte teórico da sua concepção metodológica. Teoria e método são uma unidade, uma síntese. Tal situação é facilmente verificada quando se observa que Marx não produziu uma obra específica para tratar do método, nem sistematizou isso de forma apartada de sua produção. Ele registrou e inseriu seu método dentro de sua obra. É no conjunto dela que se identifica os caminhos e percursos metodológicos do autor. Desde as primeiras obras até as últimas, é possível observar como ele foi desenvolvendo uma forma específica para realizar seus estudos. O coroamento desta construção – com a lógica teórica e metodológica do autor – é visível, como afirmado por Lênin (2017), a partir do estudo de *O Capital*.

O plano geral do método

Avançando para as questões propriamente relacionadas com o método marxiano, é importante registrar que, a partir de Marx, faz-se necessário repensar a compreensão restrita de

metodologia, entendida apenas como um conjunto e um modo de fazer ciência. Neste sentido, o método é muito mais que uma prescrição normativa, mas uma forma de estar no mundo, se relacionar com ele e se questionar a partir de diversas situações. Desde já, vale reforçar que o método não deve ser visto como uma cartilha pronta que vai definir o que deve ou não ser feito numa pesquisa. Sobre isso, Eric Hobsbawm entende que Marx produziu um método – um guia de ação – e que isso não pode ser transformado em um dogma. Caso isso aconteça, será nocivo tanto para a teoria quanto para a prática revolucionária: “o que se podia aprender com Marx era o método com que enfrentava as tarefas de análise e ação; não havia como extrair dos textos clássicos lições prontas” (HOBSBAWM, 2011, p. 87).

Dessa forma, não é viável considerar o método como algo externo ao indivíduo que pesquisa e que conduz seu trabalho, mas sim, como aquilo que acontece na relação entre um sujeito que analisa um determinado objeto de pesquisa. Essa análise se dá a partir de tensões, contradições, idas e vindas dentro de um percurso histórico próprio e singular.

A metodologia tende a reduzir-se a técnicas de investigação. Cada vez mais o círculo metodológico tende a empobrecer-se pelo desconhecimento dos grandes problemas epistemológicos que foram surgindo ao longo da história. Isso porque se assume que o importante não é o sujeito que investiga, mas como investiga. E não é assim, o pesquisador deve ser capaz de situar-se em um contexto histórico concreto para pensar o desconhecido ou para recolher, sistematizar, analisar, extrair das informações um conhecimento que não estava dado. Porque o conhecimento se origina fora da ciência e não dentro dela, “pode ter origem insólita que não é, necessariamente, a acumulação de conhecimento”. Podemos colocar um problema quando sabemos reconhecê-lo em torno. Por isso, metodologia não é uma pauta de instruções, é a capacidade organizada de pensar a realidade no seu momento histórico. Se não somos capazes de pensar a realidade, não saberemos fazer perguntas significativas (CIAVATTA, 2016, p. 220 – 221).

A produção de conhecimento é, dessa forma, uma relação entre sujeito e objeto. Ciavatta (2016) pontua que o este se mostra ao sujeito que o recebe ao conhecê-lo. Assim, reafirma-se que o conhecimento é fruto da relação entre sujeito e objeto, entendendo o sujeito não de forma isolada e particular, mas como um sujeito social, coletivo, complexo e atravessado pela história. É neste sentido que, na perspectiva marxiana, o sujeito precisa construir uma teoria entendida como uma reprodução ideal do objeto no plano da pesquisa:

Para Marx, a teoria é uma modalidade peculiar de conhecimento, entre outras (...). Mas a teoria se distingue de todas essas modalidades e tem especificidades: o conhecimento teórico é o *conhecimento do objeto – de sua estrutura e dinâmica – tal como ele é em si mesmo*, na sua existência real e efetiva, independentemente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador. A teoria é, para Marx, *a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa*: pela teoria, o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e a dinâmica do objeto que pesquisa (NETTO, 2011, p. 20-21, *itálicos do autor*).

Ainda sobre a teoria, José Paulo Netto (2020) sublinha que, no caso específico do contexto histórico de Marx, ela foi construída a partir da análise específica do modo de produção capitalista e que sua confirmação se dá a partir do confronto com a prática social.

Em Marx, a teoria, produto do cérebro dos homens, constitui a *reprodução*, no plano das ideias, do *movimento real do objeto* de que se ocupa. O *núcleo duro* da obra que Marx nos legou é a teoria que *reproduz idealmente o movimento real do capital* no processo da gênese, da consolidação, do desenvolvimento e das condições de crise da sociedade embasada no modo de produção capitalista: a sociedade burguesa. E a *verdade* da teoria, assim posta, não depende apenas da sua coerência interna: a sua prova decisiva se faz no confronto com a dinâmica profunda dessa sociedade, *faz-se na prática social* (NETTO, 2020, p. 33, itálicos do autor).

Neste entendimento de que o indivíduo participa do método e é parte importante da pesquisa, supera-se a noção de neutralidade e a imparcialidade. O pesquisador precisa, no contexto do materialismo histórico e dialético, entender que participa da pesquisa e assumir e reconhecer sua posição. Tal ponto é importante não para realizar uma pesquisa que realizará a defesa ou a crítica em relação a determinado assunto, mas até para identificar de que lugar a análise está sendo feita, e como este lugar do pesquisador pode interferir na observação do objeto e nas conclusões finais. Ressalte-se que a superação da noção de neutralidade e imparcialidade não significa o abandono da objetividade no processo de pesquisa.

É por conta disso que “o papel do sujeito é essencialmente *ativo* (...) o sujeito deve ser capaz de mobilizar um máximo de conhecimentos, criticá-los, revisá-los e deve ser dotado de criatividade e imaginação. O papel do sujeito é *fundamental* no processo de pesquisa” (NETTO, 2011, p. 25, itálicos do autor). Marx, ao falar sobre a irrelevância de uma teoria afastada da realidade, indica a importância da participação efetiva de sujeitos, tanto na pesquisa quanto na execução daquilo que é estudado: “Ideias não podem *executar absolutamente nada*. Para a execução das ideias são necessários homens que ponham em ação uma força prática” (MARX; ENGELS, 2011, p. 137, itálicos dos autores).

Assim, a participação ativa do sujeito na pesquisa se inicia pelo modo como ele é afetado pela realidade que o cerca. A realidade concreta – ou seja, as relações materiais – produzem formas de pensar e de julgar no indivíduo, que passa a tentar entender, cada vez mais, o contexto no qual está inserido. É por isso que o método marxiano pode ser visto como um movimento que analisa o que está acontecendo e que traz consequências para o tempo presente. Não é uma volta ao passado: ainda que a perspectiva histórica seja essencial na construção do objeto, não se pode ficar preso ao que passou. A análise precisa tocar em questões atuais, que ainda se movimentam e que não foram concluídas. É por isso que o método se funda em questões materiais, em homens concretos, existentes, priorizando a vida em detrimento de uma consciência imaginária ou construída de forma idealizada. Aqui está, segundo o próprio Marx, o ponto de ruptura de sua teoria com a filosofia alemã que o precedeu.

Totalmente ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, que se eleva da terra ao céu. Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco de homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. (...) Não têm história, nem desenvolvimento; mas os homens, ao desenvolverem sua produção e seu intercâmbio materiais, transformam também com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que

determina a vida, mas a vida que determina a consciência (MARX; ENGELS, 2007, p. 94).

O caminho do método é, neste caso, partir do concreto para o teórico, para depois retornar, através de uma viagem de volta, ao concreto (MARX, 2008). Em outras palavras: parte-se do específico para o geral e retorna-se ao específico: “o método de pesquisa que propicia o conhecimento teórico, partindo da aparência, visa alcançar a essência do objeto (...) mediante a pesquisa, o pesquisador reproduz, no plano ideal, a essência do objeto que investigou” (NETTO, 2011, p. 22, itálicos do autor). Entende-se, assim, que o conhecimento teórico será o conhecimento do objeto a partir daquilo que o constitui na sua existência real e efetiva, independente do sujeito. Neste mesmo sentido, Ciavatta (2016) afirma que: “é o movimento do abstrato para o concreto figurado (como a população), o conhecimento supõe que se passe a ‘abstrações mais delicadas’ até atingirmos as determinações mais simples, a rica totalidade de determinações e de relações numerosas” (p. 235). Merecem destaque, aqui, a dialética entre abstrato e concreto, a diferença entre aparência e essência (aquilo que está na estrutura e na dinâmica do objeto) e a categoria da totalidade, pontos que serão aprofundados ao longo do texto.

Se começasse, portanto, pela população, elaboraria uma representação caótica do todo e, por meio de uma determinação mais estrita, chegaria analiticamente, cada vez mais, a conceitos mais simples; do concreto representado chegaria a abstrações cada vez mais tênues, até alcançar as determinações mais simples. Chegando a esse ponto, teria que voltar a fazer a viagem de modo inverso, até dar de novo com a população, mas dessa vez não como uma representação caótica de um todo, porém como uma rica totalidade de determinações e relações diversas (MARX, 2008, p. 258).

Neste ponto, é preciso fazer uma ponderação. Quando se afirma que o método parte da realidade concreta, deve-se entender que, num primeiro momento, essa realidade é caótica, sem lógica e sem ordem. Não se deve esquecer que o real existe de modo independente da consciência do pesquisador, ou seja: um fato ou objeto não depende da percepção de alguém para existir. No entanto, perceber a ocorrência de um fato ou a existência de um objeto (ainda que seja desorganizada) é essencial para a pesquisa.

É por isso que o método se movimenta numa viagem de ida e em outra viagem de volta: a forma de organização deste primeiro conhecimento caótico é subjetiva e passa por um processo de abstração. A realidade, vista como um ponto de partida, é pensada de modo subjetivo e, deste pensamento, se retorna à realidade num movimento de síntese. Em outras palavras: o conhecimento é formulado pelo sujeito a partir de uma realidade caótica que, por meio de um esforço teórico, ordena e sintetiza essa realidade. Esse movimento é feito a partir do concreto para se voltar ao objeto. É assim que se compreende o método a como um movimento de ida e volta.

O concreto é concreto, porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso, o concreto aparece no pensamento como o processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, embora seja o verdadeiro ponto de partida e, portanto, o ponto de partida também da intuição e da representação (MARX, 2008, p. 258-9)

A partir desta ponderação, nota-se que, se é a vida que determina a consciência, é possível inferir que essa determinação acontece a partir das condições materiais dessa mesma vida. Neste

sentido, fica evidente que a consciência por ela determinada retorna para representar um tipo específico de vida, num movimento dialético que se dá entre ambos. A implicação direta disso supõe que, para produzir conhecimento, os homens precisam ter condições concretas para tal produção. Há, assim, um pressuposto da concretude, dentro do qual se entende que quanto menos se avança no reino da liberdade, menores serão as possibilidades para a formulação de teorias e para a transformação da história. Um indivíduo ocupado em resolver problemas imediatos relacionados à sua sobrevivência não terá condições para se dedicar a problemas mediatos: “não é possível libertar os homens enquanto estes forem incapazes de obter alimentação e bebida, habitação vestimenta, em qualidade e quantidade adequadas. A ‘libertação’ é um ato histórico e não um ato de pensamento” (MARX; ENGELS, 2007, p. 29)

Apesar de se concentrar na análise das questões reais e materiais, o método de Marx não se resume apenas à uma análise da estrutura econômica. Tal situação, como já dito na primeira seção deste estudo, corresponde a um reducionismo da teoria marxiana a um economicismo, proveniente de uma leitura superficial de suas obras. Marx, em seus trabalhos, sempre sinalizou para a totalidade, buscando a síntese dialética entre estrutura e superestrutura. É por conta disso que, durante a pesquisa, é importante e necessário tocar, também, na dimensão ideológica e superestrutural. Tal situação não deve ser vista como um desvio de rota, muito pelo contrário: ela parte do pressuposto de que as ideias dominantes estão profundamente ligadas a relações materiais de dominação e exploração, que são amplamente estudadas pelo autor.

As ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes, isto é, a classe que é a força *material* dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força *espiritual* dominante. A classe que tem à sua disposição os meios da produção material dispõe também dos meios da produção espiritual, de modo que a ela estão submetidos aproximadamente ao mesmo tempo os pensamentos daqueles aos quais faltam os meios da produção espiritual. As ideias dominantes não são nada mais do que a expressão ideal das relações materiais dominantes, são as relações materiais dominantes apreendidas como ideias (MARX; ENGELS, 2007, p. 47, itálicos dos autores).

Ao citar a busca da totalidade e antes de avançar no tema, é relevante recuperar um ponto importante dentro do método marxiano: o trabalho com categorias. Netto (2011) é enfático ao afirmar que a pesquisa marxiana busca conhecer as categorias que formam a sociedade burguesa a partir do modo de produção capitalista. De acordo com o próprio Marx, as categorias devem ser entendidas como produtos de uma determinada realidade histórica e só tem validade para a interpretação desta realidade que as produziu.

até as categorias mais abstratas, apesar de sua validade – precisamente por conta de sua natureza abstrata – para todas as épocas, são contudo, no que há de determinado nessa abstração, do mesmo modo o produto de condições históricas, e não possuem plena validade senão para essas condições e dentro dos limites dessas mesmas condições. (...) As categorias que exprimem suas condições, a compreensão de sua própria organização a tornam apta para abarcar a organização e as relações de produção de todas as formas de sociedade desaparecidas, sobre cujas ruínas e elementos se acha edificada, e cujos vestígios, não ultrapassados ainda, leva arrastando, enquanto que tudo o que fora antes apenas indicado se desenvolveu, tomando toda sua significação etc. (MARX, 2008, p. 264).

Em seu trabalho com categorias, Marx procurava por categorias simples, vistas como “a expressão de relações sociais nas quais o concreto menos desenvolvido tem podido se realizar sem haver estabelecido ainda a relação mais complexa” (MARX, 2008, p. 260). O uso do termo categorias mais simples se refere àquelas que são, de início, mais abstratas, mais carentes de determinações. Apesar de existir uma diferença no grau de desenvolvimento das categorias, não é possível afirmar que há uma classificação delas. No percurso metodológico aqui descrito, essas categorias vão se desenvolvendo à medida que o conhecimento vai avançando e se aprofundando, sinalizando para um estágio em que o pensamento caminha para se tornar mais concreto. Cheptulin reflete sobre isso ao pontuar que:

Assim, sendo um produto da atividade cognitiva, as categorias refletem as particularidades dos estágios de conhecimento no próprio momento em que elas se formam e, por meio de relações necessárias surgidas entre elas – as leis do movimento do conhecimento do inferior ao superior, as leis do funcionamento e do desenvolvimento do pensamento; estando ligadas à prática, que coloca em evidência as formas universais do ser, as propriedades e as relações universais das coisas e as materializa nos meios de trabalho criados e nas formas de atividade – as categorias refletem, de uma maneira ou de outra, as leis de funcionamento e do desenvolvimento da atividade prática (CHEPTULIN, 1982, p. 141).

Através destas categorias, o objeto de estudo pode ser reproduzido a partir de suas categorias mais simples, compreendendo relações históricas, práxicas, de totalidade, de contradição e assim por diante. Vale registrar que, em Marx, as categorias não são abstrações ou meras construções teóricas: elas são concretas e é por conta disso que, no materialismo histórico e dialético, é necessário trabalhar com categorias (KUENZER, 2012).

As categorias não são puras abstrações ou simples classificações, isto é, não são noções despojadas dos aspectos diversificados do real na sua concretude histórica. As categorias são concretos do pensamento gerados sobre a realidade objetiva e diversificada, são mediações ontológicas da totalidade social, construídas na sua particularidade histórica (CIAVATTA, 2016, p. 236).

Ao refletir sobre a pesquisa em trabalho e educação, Acácia Kuenzer (2012) faz uma importante distinção entre as categorias do método e as categorias de conteúdo. De acordo com a autora, são “as categorias metodológicas que dão suporte à pesquisa” (KUENZER, 2012, p. 64). Se as categorias do método são universais e servem para pensar qualquer tipo de análise e objeto de pesquisa, as categorias de conteúdo são mais específicas, permitindo aprofundar a análise de recortes mais particulares, mais próximos da finalidade de cada estudo. Além disso, vale dizer que “cada categoria de conteúdo, por sua vez, é passível de detalhamento em subcategorias, a partir das quais o pesquisador coletará e organizará os dados” (KUENZER, 2012, p. 66).

Sobre o trabalho com categorias e retomando a questão da totalidade, é possível perceber que essa é uma categoria que pode ser vista como específica e diferencial do materialismo histórico e dialético. Segundo Luckács (2003, p. 14): “é o ponto de vista da totalidade e não a predominância das causas econômicas na explicação da história que distingue de forma decisiva o marxismo da ciência burguesa”. É neste sentido que ela precisa ser pensada como uma totalidade de pensamento, uma forma através da qual o pensado se concretiza. Para Marx, a totalidade “é, na realidade, um produto

do pensar, do conceber; não é de nenhum modo o produto do conceito que se engendra a si mesmo e que concebe separadamente e acima da intuição e da representação, mas é elaboração da intuição e da representação em conceitos” (MARX, 2008, p. 259). Vale destacar, também, que a totalidade se refere a um contexto material e histórico específico e que buscar o todo não significa dar conta de tudo.

A totalidade é um conjunto de fatos articulados ou o contexto de um objeto com suas múltiplas relações, ou, ainda, um todo estruturado que se desenvolve e se cria como produção social do homem. (...) Estudar um objeto é concebê-lo na totalidade de relações que o determinam, sejam elas de nível econômico, social, cultural etc. (CIAVATTA, 2016, p. 211).

Nesta perspectiva, a totalidade não deve ser entendida como a soma das partes, mas sim como uma relação dialética entre ambas, uma vez que “a totalidade sem contradições é vazia e inerte, as contradições fora da totalidade são formais e arbitrárias” (KOSIK, 1976, p. 51). Dessa forma, além de buscar contemplar a totalidade, a pesquisa a partir dos pressupostos metodológicos em Marx, também procura conhecer a partir das contradições. Totalidade e contradição – vistas como categorias que expressam elementos constitutivos do real – são duas dimensões muito próximas dentro da obra marxiana.

A compreensão dialética da totalidade significa não só que as partes se encontram em relação de interna interação e conexão entre si e com o todo, mas também que o todo não pode ser petrificado na abstração situada por cima das partes, visto que o todo se cria a si mesmo na interação das partes (KOSIK, 1976, p. 42).

A categoria da contradição não é apenas o diagnóstico de que algo está errado ou certo. O método marxiano não opera com a produção de juízos morais: nem tudo é ruim, como também nem tudo é bom. A realidade traz consigo a marca da dialética e da contradição. Neste sentido, vale recordar a afirmação de Kuenzer (2012), para quem a pesquisa através da categoria da contradição deve: “buscar captar a todo momento o movimento, a ligação e unidade resultante da relação dos contrários” (p. 65). Este movimento não pode ser entendido como uma tentativa de invalidar ou resolver as contradições como se fossem charadas ou enigmas, “buscando não explicações lineares que ‘resolvam’ as tensões entre os contrários mas captando a riqueza do movimento e da complexidade do real” (KUENZER, 2012, p. 65). As contradições, aqui, existem para serem visualizadas, entendidas e não resolvidas, de modo a se captar a estrutura contraditória do real.

As categorias metodológicas da totalidade e da contradição devem ser compreendidas ao lado de outras duas categorias: a mediação e a *práxis*. “A mediação não é um instrumento analítico de medição quantitativa do comportamento de um fenômeno, nem a busca da relação de causa e efeito, mas, sim, a especificidade histórica do fenômeno” (CIAVATTA, 2016, p. 225). Ao delimitar um objeto, a categoria da mediação contribui com a identificação das relações que este recorte possui com outros fenômenos e, em última análise, com a realidade pensada a partir do todo (KUENZER, 2012).

Ainda que a categoria da *práxis* já tenha sido mencionada na primeira seção, deste capítulo, é interessante destacar que, em Marx, existe uma análise da realidade concreta e que esta análise

conduz a um programa para a superação dessa realidade concreta. A *práxis*, vale recordar, é uma forma de se situar, pensar, compreender e agir sobre o mundo, não podendo ser reduzida apenas à compreensão de união entre teoria e prática: “Marx mostra que conhecer é conhecer objetos que se integram na relação entre o homem e o mundo, entre o homem e a natureza, relação que se estabelece graças à atividade prática do homem” (KUENZER, 2012, p. 59). É neste sentido que Barata Moura (1977) afirma que, a partir de Marx, o saber (em sua perspectiva científica) não se esgota com a teoria, uma vez que esta sempre sinaliza para a *práxis*.

Retoma-se, assim, a impossibilidade de que uma pesquisa, na perspectiva marxiana, seja desenvolvida de forma neutra. Toda análise será uma análise de classe, reafirmando a centralidade da classe e da análise do papel revolucionário da classe trabalhadora no método, uma vez que: “o futuro estava nas mãos da classe trabalhadora e de sua capacidade de determinar profundas transformações sociais por meio de suas próprias organizações e travando suas próprias lutas” (MUSTO, 2018, p. 84). Fica evidente o fato de que aquilo que está sendo pesquisado produza a consciência da necessidade uma intervenção ou resistência. Em outras palavras: o estudo gera o diagnóstico de uma situação que, ao ser entendida, precisa apontar para uma saída revolucionária: “os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (MARX, 2007, p. 535). O método de Marx entende a pesquisa científica a partir da classe trabalhadora.

Coube justamente a Marx promover essa modificação decisiva, esse deslocamento essencial de perspectiva: repensar a relação entre a *práxis* e a *poiesis* do ângulo dos trabalhadores. Por isso, o conceito de *práxis* no pensamento de Marx só pôde ser elaborado depois que o filósofo encontrou no proletariado o portador material da revolução capaz de superar a sociedade burguesa (KONDER, 2018, p. 109).

Chega-se, assim, à dimensão revolucionária do método. Como já destacado, a teoria em Marx não é apenas um momento de reflexão e estudo. Mas é um momento de compreensão de uma realidade que, além de contraditória e complexa, também opera pela exploração e pela desigualdade. É por isso que o diagnóstico que Marx constrói do modo de produção capitalista caminha em direção à superação deste modo de produção, destacando, inclusive, o protagonismo da classe que deve realizar esta missão. A dimensão revolucionária do método marxiano é, pois, uma das suas marcas específicas. De acordo com Jameson (2006) há várias correntes teóricas e metodológicas que operam com uma crítica ao modo de produção capitalista, porém, apenas o materialismo histórico e dialético realiza essa crítica na perspectiva da superação deste modo de produção.

A revolução, portanto, é necessária não apenas porque a classe dominante não pode ser derrubada de nenhuma outra forma, mas também porque somente com uma revolução a classe que derruba detém o poder de desembaraçar-se de toda a antiga imundície e de se tornar capaz de uma nova fundação da sociedade (MARX; ENGELS, 2007, p. 42, *itálico dos autores*).

Metodologia, instrumentos e técnicas de pesquisa na obra de Marx

Como já mencionado, na ausência de uma obra exclusiva de Marx sobre metodologia, o que se tem é o registro de seus procedimentos metodológicos diluídos em suas pesquisas e escritos.

Partindo deste pressuposto, a tarefa desta última seção consiste em identificar a concepção metodológica adotada por Marx em suas obras e apontar algumas técnicas e instrumentos de pesquisa utilizados por ele. Se a obra de Marx se movimenta, se aperfeiçoa e amadurece, é possível dizer que é em *O Capital* que tais indicações metodológicas ganham maior visibilidade e organização. Isso, porém, não significa dizer que é impossível visualizar esta organização nas obras anteriores.

Toda a obra *O Capital* é um exercício metodológico, partindo do conceito mais simples de mercadoria e chegando aos elementos mais concretos, às suas mediações, como o trabalho assalariado, o capital, a troca, a divisão do trabalho etc., até alcançar a totalidade das relações capitalistas de produção (CIAVATTA, 2016, p. 230).

Já no início de *O Capital*, pode-se visualizar a movimentação metodológica descrita até aqui. Quando a obra se abre com a afirmação de que “A riqueza das sociedades onde reina o modo de produção capitalista aparece como uma ‘enorme coleção de mercadorias’, e a mercadoria individual, por sua vez, aparece como sua forma elementar” (MARX, 2017, p. 113), o autor considera que a mercadoria é a forma elementar da riqueza, razão pela qual sua análise parte dela. Isso se dá pelo fato de a mercadoria ser o ponto concreto de toda produção capitalista, sendo, portanto, síntese de múltiplas determinações. A partir da mercadoria, Marx desenvolve várias análises relacionadas ao valor, aos tipos de trabalho, à troca, à realização do valor, de modo a organizar em seu pensamento aquilo que até então se apresentava como algo caótico. Observa-se, dessa forma, como o concreto real se torna concreto pensado.

Em suas pesquisas, o autor foi coerente com a proposta de se atentar para o contexto real e as relações materiais em que estava inserido. Em várias de suas obras, ele analisou questões atuais do seu tempo, polêmicas concretas que o cercavam e buscava oferecer caminhos para refletir sobre problemas relevantes. Em *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte* (MARX, 2011a), *A Guerra Civil na França* (MARX, 2011b) e *As lutas de classes na França* (MARX, 2012a), o autor se mostrou atento a tudo que acontecia, fazendo uma leitura da realidade, a fim de apreender dela, o que era essencial. A atenção dada por Marx aos problemas concretos buscava organizar e unificar o conjunto dos trabalhadores em torno de uma luta comum e unificada, tal como é possível ver no *Manifesto Comunista* (MARX; ENGELS, 2010) e, também, na *Crítica do Programa de Gotha* (MARX, 2012b). A leitura das condições materiais e do contexto real em Marx era feita para “confrontar as bases de sua concepção com os acontecimentos reais que haviam marcado a história da humanidade” (MUSTO, 2018, p. 105).

A busca de um aporte teórico consistente também é uma característica comum dos textos de Marx. Como fontes da pesquisa, ele realizava leitura crítica de pesquisas, trabalhos e referenciais teóricos diversificados. Em muitas de suas obras, é perceptível seu esforço em ler, entender e registrar o pensamento de vários autores. Em *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* (MARX, 2013) o autor aponta seu conhecimento da teoria hegeliana de modo a ser capaz de não só entendê-la, mas também de romper com ela, na perspectiva de sua superação. Nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos* (MARX, 2010), Marx registra vasto conhecimento de importantes nomes da economia política, sobretudo do pensamento de Adam Smith, com quem abre um debate teórico acerca de vários temas. Juntamente

com Engels em *A Ideologia Alemã* (MARX; ENGELS, 2007), os autores dialogam com o pensamento de outros expoentes da filosofia alemã, como Ludwig Feuerbach, Bruno Bauer e Max Stirner.

Além das referências teóricas, Marx também tinha acesso a informações variadas através de cartas e comunicados que recebia e trocava com variadas pessoas, mostrando a atenção que o autor dispensava para temas diferentes e a importância que ele dava para o diálogo e o debate. Outras fontes de pesquisa são visíveis na obra de Marx. O capítulo oitavo do primeiro livro de *O Capital* (MARX, 2017) traz inúmeros exemplos disso. Para refletir sobre como o modo de produção capitalista explora o trabalhador na ampliação e intensificação da jornada de trabalho, Marx se apoiou em matérias de jornais, análise de legislação da época e indicadores de relatórios diversos. São vários os momentos em que Marx cita a ocorrência de acidentes de trabalho a partir de matérias que foram publicadas em jornais.

Salta aos olhos a profundidade da importância que Marx dava à análise da legislação. No caso já citado de *O Capital*, o autor recorre a uma extensa pesquisa sobre a legislação fabril da época, realizando, inclusive uma análise comparativa sobre o desenvolvimento histórico dessas leis, mostrando como, ao longo do tempo, elas foram evoluindo e/ou retrocedendo. As leis fabris sinalizavam para a regulamentação do trabalho de crianças e mulheres, as condições para a realização do trabalho, a carga horária do trabalhador, entre outros temas. É importante destacar que o avanço dessas leis se deu a partir das condições desumanas e degradantes que o modo de produção capitalista impôs à classe trabalhadora.

Aqui, duas situações precisam ser destacadas. A primeira delas diz respeito ao fato de que os mecanismos de exploração usados pelo capital e apoiados pelo Estado são muito maiores que as pequenas concessões que o avanço da legislação trabalhista trouxe para os trabalhadores. Tais avanços, por sinal, não devem ser vistos como concessões ou benesses, pois eles são frutos da luta de classes: “sua formulação, seu reconhecimento oficial e sua proclamação estatal foram o resultado de longas lutas de classes” (MARX, 2017, p. 354 – 355). O segundo aspecto a ser destacado diz respeito ao fato de que, apesar de todo o aparente avanço na legislação trabalhista em favor do trabalhador, na prática, Marx percebeu que a justiça decidia sempre a favor do capital, uma vez que juízes e outros membros do judiciário participavam da classe dominante e julgavam sempre em conformidade com seus interesses. Estas observações confirmam o caráter de classe que marca as análises marxianas.

Mas para que servia todas aquelas intimações ao tribunal se os county magistrates os absolviam? Nesses tribunais, os próprios senhores fabricantes sentavam-se para julgar a si mesmos. (...) Quatro juízes formaram o tribunal, entre eles três fabricantes de fios e algodão. (...) Sem dúvida, a composição desses tribunais já era por si só uma violação aberta da lei (MARX, 2017, p. 360-1).

A partir de relatórios elaborados por inspetores de fábricas e por comissões variadas, Marx apresentou dados quantitativos e qualitativos sobre o tempo de trabalho, o descanso quase inexistente e ainda citou casos que, apesar de particulares, retratavam uma situação geral e comum entre os trabalhadores fabris. Apoiado por relatórios de comissões ligadas à saúde pública, merecem destaque

as análises, relações e projeções estatísticas que o autor fez sobre mortalidade, expectativa de vida, média de acidentes de trabalho, entre outros. Em todos estes casos, prevalece a ideia de descrever o objeto e tentar captá-lo em sua essência, a fim de se chegar a conclusões teóricas compatíveis com a realidade da época.

É importante pontuar que, no método marxiano, não há oposição entre as dimensões quantitativas e qualitativas da pesquisa. Muito pelo contrário: elas são complementares como fontes que se combinam numa abordagem dialética. No capítulo 23 do primeiro livro de *O Capital*, Marx (2017), ao refletir sobre a maquinaria, expõe uma série de dados quantitativos, dados empíricos e matemáticos além de indicadores provenientes do censo demográfico da época. Aqui, é possível perceber que, ao estudar estes dados, o autor procurou realizar uma análise profunda, mediante a comparação entre resultados diferentes, estudo de projeções visando alcançar a percepção da movimentação destes dados ao longo do tempo.

Vale ressaltar, mais uma vez, que o papel do pesquisador é essencial, já que toda fonte quantitativa depende de uma interpretação. O papel ativo do sujeito é reforçado ainda mais quando se percebe que a escolha dos dados quantitativos acontece a partir de uma seleção realizada por quem realiza o estudo. Além disso, é o pesquisador também que escolhe o instrumento e a técnica de pesquisa mais compatível com seu projeto. Sobre a escolha de técnicas e instrumentos de pesquisa, merece registro o fato de Marx ter usado uma enquete operária como instrumento de pesquisa para analisar as condições de vida dos trabalhadores em sua época.

Na escrita, é possível dizer que o autor tinha grande preocupação com o entendimento do seu texto. Já foi dito, na primeira seção deste trabalho, que ele buscava a excelência e a precisão do texto em meio a tantas versões, estudos e revisões de suas obras, algumas nem publicadas em vida pelo fato de acreditar que elas ainda não estavam adequadas para isso. Ao pesquisar, Marx caminhava para a produção e o desenvolvimento de conceitos que seriam importantes não só para o entendimento da realidade estudada, mas também para a provocação de respostas concretas da classe trabalhadora.

Faz-se mister ponderar que a relação entre os dados, teorias, conceitos e categorias da pesquisa caminham para a observação de que o modo de produção capitalista (objeto de estudo de Marx) possui uma lei geral de acumulação. Chegar até esta lei reforça, mais uma vez, o movimento do método aqui descrito: o autor partia do concreto e particular, organizava essa compreensão a fim de produzir um conhecimento abstrato e universal (representado pela lei) que retornaria para o concreto e o particular no intuito de revelá-los explicá-los de forma revolucionária.

Ainda em seu texto, vale registrar que Marx recorria a diferentes recursos para expor seu pensamento. O uso de tabelas, quadros e planilhas aparece em vários momentos (conforme pode ser visto, inclusive, na reflexão sobre a maquinaria em *O Capital*). O autor também utiliza na mesma obra equações e demonstrações matemáticas, cálculos e projeções estatísticas (conforme visto nas reflexões sobre a teoria do valor, por exemplo). Observações sobre situações concretas e cotidianas também eram usadas como exemplos pelo autor, como o caso da observação da existência de pessoas

semianalfabetas que se apresentavam como professores nas indústrias para burlar a legislação trabalhista, sinalizando para a precariedade da instrução que era oferecida nas fábricas (MARX, 2017).

Para facilitar a compreensão de seus escritos, é possível perceber o uso recorrente que Marx faz de exemplos, metáforas e comparações. Em *O Capital* são muito recorrentes exemplos utilizados pelo autor ao longo de todo livro: seja usando braças de linho para explicar a relação entre o valor da mercadoria e tipos de trabalho diferentes no processo de troca, situações específicas de trabalhadores em áreas diferentes (panificadores, ferroviários, engraxate, modista, ferreiro, fábricas de papeis, de tecidos, etc.). No capítulo oitavo dessa mesma obra, o autor usa de situações variadas para comentar as diferentes jornadas de trabalho (MARX, 2017).

Várias analogias também são utilizadas e apresentadas por Marx em seus textos como forma de facilitar o entendimento de suas ideias. Sobre isso, é possível citar alguns exemplos: a afirmação de que “Dante veria superadas suas fantasias mais cruéis sobre o inferno” (MARX, 2017, p. 320) para falar sobre as consequências do modo de produção capitalista; a comparação do capital com um “vampiro, vive apenas da sucção de trabalho vivo, e vive tanto mais quanto mais trabalho vivo ele suga” (MARX, 2017, p. 307); a célebre afirmação de que “a anatomia do homem é a chave para entender a anatomia do macaco” (MARX, 2008, p 264), a afirmação da religião como “ópio do povo” (MARX, 2013, p. 151); a comparação do trabalho da abelha com o do arquiteto (no capítulo 5 de *O Capital*), entre muitos outros. Em todos estes casos, o que se observa é a busca de Marx por recursos didáticos para entregar um texto cujo raciocínio seja compreensível e acessível para o maior número de pessoas.

Por fim, vale ressaltar que os exemplos aqui apresentados, tanto do movimento metodológico em Marx, quanto de alguns recursos e instrumentos utilizados por ele em seus textos não devem ser entendidos como uma regra fechada ou um conjunto de modos que compõem seu método. O método em Marx vai muito além disso e passa por uma tomada de posição do sujeito frente ao objeto. Além disso, concorda-se com José Paulo Netto quando afirma que método e técnica/instrumentos de pesquisa não podem ser confundidos ou igualados:

Neste processo, os instrumentos e também as *técnicas* de pesquisa são os mais variados, desde a análise documental até as formas mais diversas de observação, recolha de dados, quantificação, etc. Esses instrumentos e técnicas são meios de que se vale o pesquisador para “apoderar-se da matéria”, mas não devem ser identificados com o método: instrumentos e técnicas similares podem servir (e de fato servem), em escala variada, a concepções metodológicas diferentes (NETTO, 2011, p. 25-26, *italico do autor*).

Considerações finais: o método de Marx e a pesquisa em educação

Em vista do exposto, acredita-se que foi possível realizar uma aproximação geral com o método de Marx, no intuito de tentar entender quais são seus movimentos e como o autor se posicionava em seus estudos. Com todas as dificuldades já citadas, buscou-se localizar o método dentro de sua obra. Por maiores que sejam as dificuldades, a localização do método dentro da obra

reforça que ele não é algo isolado ou separado do conteúdo que se produz. Aqueles que talvez esperassem do artigo a apresentação de um conjunto clássico de regras de pesquisa diretas e padronizadas podem ter se frustrados, pois a dinâmica da pesquisa marxiana, apesar de coerente e seguindo um raciocínio comum, não se enquadra em tais esquemas.

Não oferecemos ao leitor um conjunto de regras porque, para Marx, o método não é um conjunto de regras formais que se “aplicam” a um objeto que foi recortado para uma investigação determinada nem, menos ainda, um conjunto de regras que o sujeito que pesquisa escolhe, conforme a sua vontade, para “enquadrar” o seu objeto de investigação (NETTO, 2011, p. 52).

O caminho usado por Marx para entender o modo de produção capitalista não serve apenas para um tema. É por isso que, no encerramento deste texto, tenta-se mostrar que este percurso é plenamente compatível com outros objetos de estudo. Já há muito tempo, pesquisadores de todo o Brasil tem avançado com pesquisas na área educacional a partir do materialismo histórico e dialético. Isso mostra que o método traz inúmeras possibilidades para esta área de pesquisa. O entendimento de que a educação é um campo em disputa (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2016; FREITAS, 2018), marcada por consensos e dissensos (NEVES, 2005); a tentativa de se entender a escola a partir de sua realidade concreta (FRIGOTTO, 2010); a relação da educação com fatores materiais; a necessidade de entender que a escola é composta por sujeitos concretos, históricos e contraditórios (PARO, 2022), entre muitos outros pontos favorecem a pesquisa em educação a partir do método marxiano.

A educação tem áreas e temas que podem e precisam ser pensadas à luz do pensamento marxiano: formação docente, didática, políticas educacionais, desigualdade, dualidade do sistema educacional, reformas e contrarreformas, dimensão pública da escola, financiamento, etc. Em todos estes temas, prevalece o critério da concretude. Quando se fala de um professor, não se pode falar de um professor abstrato. É um professor, que está num contexto determinado, que ocupa uma classe específica. Isso reforça ainda mais a importância e a centralidade do critério de concretude dentro do método marxista. O mesmo acontece em relação à escola, aos conteúdos, aos estudantes e assim por diante.

A escola é, neste sentido, espaço fundamental dentro do modo capitalista de produção não só por, nos moldes atuais, reproduzir a desigualdade necessária para o funcionamento do sistema, como também para formar sujeitos que sirvam às demandas deste sistema. A relação dialética entre estrutura e superestrutura acontece neste sentido. O modo de produção capitalista opera através da divisão do trabalho (e conseqüentemente a divisão dos trabalhadores entre trabalhadores braçais e trabalhadores intelectuais) e, também, por meio da apropriação de conhecimentos e técnicas produzidos pela classe trabalhadora que dela são ocultados pelo modelo burguês de educação. Essa constatação traz inúmeras possibilidades de campo de pesquisa para uma análise marxista da escola e da educação. Além disso, as instituições escolares também são alvos de políticas públicas que podem estar alinhadas ao capital ou que sinalizam para valores contra hegemônicos à lógica do sistema.

Num contexto em que contrarreformas são dirigidas à educação tendo como princípio a ampliação da taxa de valor, o aprofundamento da exploração e a ampliação da desigualdade, as ideias e o método de Marx se fazem, além de atuais, necessários. A transformação de trabalho vivo em trabalho morto por conta das tecnologias educacionais, a ampliação da alienação em todos os seus níveis, a atuação de fundações e organismos empresariais na transformação da educação em um negócio lucrativo também servem como exemplos de como as ideias marxianas se fazem pertinentes no cenário atual.

Além de um aporte teórico, vale insistir que o trabalho de Marx é exemplar quanto ao método. Para enfrentar todas as situações supracitadas e refletir sobre a realidade presente de modo frutuoso, é necessário usar de diferentes instrumentos, tais como pesquisas empíricas, dados, indicadores, relatórios, entre outros. Na apresentação das pesquisas, mais uma vez as obras marxianas servem como inspiração: é urgente superar o academicismo descontextualizado, afastado das condições materiais e reais das quais os problemas emergem. Produções demasiadamente teóricas e abstratas não serão capazes de despertar uma resistência ativa e revolucionária frente aos ataques que são empreendidos à classe trabalhadora.

Por fim, vale citar que em todas as áreas (e sobretudo na área educacional) pesquisas não só interpretativas, mas também propositivas precisam ser realizadas. A convicção já citada aqui da 11ª tese contra Feuerbach de que é preciso transformar o mundo abre caminho para que as pesquisas sinalizem para transformações necessárias. Isso não deve ser confundido com uma metodologia de pesquisa panfletária, mas sim, com um estudo comprometido com as contradições e dilemas do objeto que se estuda. Dessa forma, entende-se que a dinamicidade e a complexidade do método são compatíveis com a realidade, igualmente dinâmica e complexa.

Referências:

- BARATA MOURA, José. **Materialismo e subjetividade**. Lisboa: Editorial Avante, 1977.
- CHEPTULIN, Alexandre. **A Dialética Materialista: categorias e leis da dialética**. São Paulo: Alfa-Ômega, 1982.
- CIAVATTA, Maria. O conhecimento histórico e o problema teórico-metodológico das mediações. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria (org.). **Teoria e Educação no Labirinto do Capital**. 4. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016, p. 207 -245.
- ENGELS, Friedrich. Prefácio da Primeira Edição. In: MARX, Karl. **O Capital: o processo de circulação do capital**. Livro II. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 79 – 100.
- FREITAS, Luiz Carlos. **A Reforma Empresarial da Educação: nova direita, velhas ideias**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo, 1989, p. 71-90.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria. **Teoria e Educação no Labirinto do Capital**. 4. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2016.

- HOBBSAWM, Eric. **Como mudar o mundo: Marx e o marxismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- JAMESON, Frederic. **Espaço e Imagem: teorias do Pós-Moderno e Outros Ensaios**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da práxis**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- KUENZER, Acácia Zeneida. Desafios teórico-metodológicos da relação trabalho-educação e o papel social da escola. In: FRIGOTTO, Gaudêncio (Org.). **Educação e Crise do Trabalho**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 55-75.
- LÊNIN, Vladímir Ilitch. **O Estado e a Revolução**. São Paulo: Boitempo, 2017
- LUCKÁCS, György. **História e consciência de classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Sagrada Família**. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MARX, Karl. Ad Feuerbach. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007, p. 533 – 535.
- MARX, Karl. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2010.
- MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011a.
- MARX, Karl. **A Guerra Civil na França**. São Paulo: Boitempo, 2011b.
- MARX, Karl. **As lutas de classes na França**. São Paulo: Boitempo, 2012a.
- MARX, Karl. **Crítica do Programa de Gotha**. São Paulo: Boitempo, 2012b.
- MARX, Karl. **Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MARX, Karl. **O Capital: o processo de produção do capital**. Livro I. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2017.
- MAYER, Gustav. **Friedrich Engels: uma biografia**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- MUSTO, Marcello. **O Velho Marx: uma biografia de seus últimos anos (1881 – 1883)**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método em Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- NETTO, José Paulo. **Karl Marx: uma biografia**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- NEVES, Lúcia Maria Wanderley Neves. **A Nova Pedagogia da Hegemonia**. estratégias do capital para educar o consenso. São Paulo: Xamã, 2005.
- NOZAKI, Hajime Tekeuchi. **A crise capital em Marx: o debate contemporâneo entre os marxistas**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2021.
- PARO, Vitor Henrique. **O Capital para educadores: aprender a ensinar com gosto a teoria científica do valor**. São Paulo: Expressão Popular, 2022.

Notas

¹ Doutorando em Políticas Públicas e Formação Humana (PPFH/UERJ). Professor EBT¹ do IF Sudeste MG – Campus Santos Dumont. Membro do Grupo These – Projetos Integrados de Pesquisa em Trabalho, História, Educação e Saúde - UFF/UERJ/Fiocruz (<http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/37488>). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3796451743136890>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5117-6274>. E-mail: tiago.oliveira@ifsudestemg.edu.br.

Recebido em: 16 de nov. 2022

Aprovado em: 10 de ago. 2023